

“O sintoma como poder na família e na relação terapêutica”

Solange Bluvol

Como as histórias nasceram?

“Ah, as histórias vieram ao mundo por que Deus se sentia só.”

Clarissa Pinkola Estés 1995

Este trabalho é um simples pensar sobre as idéias foucaulteanas a respeito do poder, as idéias de Adolfo Loketek e uma tentativa de intercambio com a reflexão do lugar do sintoma nas relações familiares e na relação analítica.

Partimos também da idéia que nada está realmente isolado no universo e que tudo está em relação. Somos uma parte pequena, ínfima perdida no cosmos. Cada parte contém sua singularidade e sua individualidade e de algum modo contém o todo.

Foucault pensando a verdade como histórica e contingente nos ajuda a pensar a formação e constituição das famílias que nos procuram.

O poder segundo Foucault é produtor de individualidade e o indivíduo é uma produção do poder, um efeito do poder, ele não é uma matéria inerte e tampouco não é um misterioso atributo cuja origem temos que explorar. A subjetividade é produzida.

O poder não é mais do que um tipo particular de relações entre indivíduos.

Como as famílias se organizam a partir das experiências desses jogos de poder, relações de força e jogos de verdade em um determinado momento histórico? Segundo Foucault, sempre há possibilidade, de se descobrir alguma coisa diferente e de mudar mesmo que eventualmente, todo o conjunto de jogos de verdade.

Quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e na família, desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos.

Pensemos agora nas famílias que nos procuram para atendimento.

Nós analistas somos potentes no exercer do nosso trabalho através de uma estrutura acadêmica que nos certifica um saber. Esse saber está presente quando somos procurados por uma família que se encontra impotente e que nos apresenta um membro identificado como “doente”.

O exercício do poder necessita de um saber, isto é de um discurso que se acredita que ao circular veicula em suas mensagens algum tipo de verdade.

O poder do sintoma.

Aqui podemos começar a pensar, esse sujeito assujeitado ao sintoma, como um sujeito que pode resistir “pode dizer não”, nas palavras de Freud, “**ganhar resistência é ganhar força**” e **onde tem resistência tem sujeito**. Se não houvesse nenhuma resistência não haveria possibilidade de mudança.

O sintoma domina o sujeito que o vive é inicialmente apresentado como algo que o “paciente” não consegue controlar, involuntário, incompreensível, não-relacional. Assujeitado a essa conduta sintomática ao qual não consegue e ainda não pode se livrar.

Percebemos como através do seu sintoma esse sujeito, paciente, ganha força em manter um tipo de relação que ao mesmo tempo vítima e vitimário, dominado e dominador. Na realidade são atravessados complementariamente pelo exercício de poder.

Geralmente quem nos telefona para pedir uma consulta é um familiar que demonstra ser o mais necessitado de ajuda, é o mais desprotegido e é posto no lugar de menos poder. Este tenta buscar no analista um aliado para equilibrar um jogo de forças e reverter um jogo de poder no qual se encontra perdido, fragilizado.

No trabalho com famílias vamos construindo, buscando, criando significados para a conduta sintomática, que percebemos como emergente de situações conflituosas.

O que se percebe muitas vezes são interações ocultas de segredos irreveláveis.

Sabemos que **o segredo tem um importante valor patogênico** e é o que mantém muitas vezes o paciente sintomático.

Muitas vezes certos sintomas podem servir como metáforas para determinados segredos. Um sintoma pode também ser expressão simbólica de emoções poderosas conectadas ao segredo.

È comum relacionar o sintoma e seu portador em aliança com alguma figura parental e vítima de outro. Nessas triangulações percebemos uma luta de forças onde geralmente um paciente sintomático ganha um poder importante no sistema familiar. Em realidade o jogo de poder pode variar.

È importante avaliar quais segredos podem ser revelados, pois as histórias familiares podem incluir três gerações ou mais de episódios de infidelidade, humilhação, traição ou outros segredos que não se pode denunciar como pacto de sangue vital para ordem familiar.

O pacto de silêncio nos enfrenta com a questão do segredo e a organização familiar para mante-lo.

Existe uma relação direta entre o conteúdo do segredo, a organização para mante-lo, o mito ou o mandato familiar que nos dá a pista para por em palavras os jogos de poder do sistema familiar.

Qual então é o poder da terapia familiar?

A terapia familiar é uma experiência do falar/saber em família, parte de um paradoxo. Todo saber em família tem um limite imposto pela necessidade de ser manter mitos que não podem ser questionados.

O sistema familiar também é afetado pelo analista através de seus próprios mitos.

As perguntas que se fazem ou aquelas que se calam são as ferramentas mais eficazes do analista no exercício de seu saber.

Não existe trabalho analítico se não há pergunta. A resposta é secundária. Nem toda pergunta pode ser respondida em sessão, pois o falar /saber em família é restrito.

O importante é a pergunta.

O uso da pergunta como exercício de poder:

A constatação daquele que não pode perguntar ou daquele que não pode perguntar como indicio de assujeitamento.

Foucault enfatiza **o aspecto positivo do poder** como transformador e produtor de diferenças.

Na clínica podemos pensar quais as palavras que se fala e suas condições de possibilidade. Essas condições de possibilidade proibem certos enunciados e possibilitam a emergência de outros.

A verdade para Foucault é um jogo de linguagem e esta associada a pratica de poder.

As relações de poder promovem estratégias de produções de verdades, conjunto de procedimentos pelos quais a verdade é instituída e desinstituída

Poder, pensado como formação de subjetividade valorizando as experiências vividas no momento já que não se tem **a origem** e muito menos **a essência**.

Relações de poder é arte de afetar e ser afetado onde existem forças e essa relação de forças em uma família é a própria inauguração das singularidades. Onde o sintoma sendo visto como **resistência** é possibilidade de criação, pois **o sintoma é uma força que resiste, e onde tem resistência tem sujeito**.

As resistências criam caminhos, podem se transformar em desejos.

Creio que a experiência analítica deveria ser avaliada pelo seu aspecto revolucionário, é indicada para mudar uma situação dada por um pensar e um atuar submetido a uma tradição.

O poder analítico desafia o poder da historia, da tradição, mas somente a tradição que rege a família ou também a que rege o analista?

O pensamento de Foucault nos permite **pensar a formação do sujeito** não como algo estático, universalizante, mas a partir de interações (família, mundo) **enxergando os afetamentos e assujeitamentos.**

O analista tem um poder conferido pelo contexto social, institucional e pelo pedido de ajuda e o exerce através do lugar que ocupa no diagnóstico, na indicação e no processo analítico, um suposto saber sobre e pelo outro.

O poder terapêutico desafia o poder da história e da tradição.

Segundo Foucault não tem nada mais imoral que falar pelo outro e agregaremos falar sobre a experiência do outro. **Creio que esse uso do poder aliena o ser humano do seu próprio eu.**

Este é um dos maiores riscos em um âmbito terapêutico que se apresenta quando os pais falam por ou de seus filhos, como quando, osãos falam por ou pelos enfermos ou quando os terapeutas falam por e de seus pacientes enfim se pensarmos em um âmbito terapêutico como um jogo inevitável do exercício de poder, **existe alguma relação de poder que não implica em um prejuízo da experiência, da palavra, do pensamento do sentimento, da ação sobre o outro?**

Pensamos o “adoecer” em um sistema familiar como fracasso de um ou mais indivíduos no exercício do **poder ser.**

O paciente “adoecido” precisa buscar **uma experiência histórica singular dentro da família** e recuperar seu poder de escuta, sua palavra e recuperar a capacidade de perguntar.

E as famílias hoje? E o poder da transmissão geracional?

Foucault ao conceber relações de poder, concebe também uma instabilidade nas posições de exercício de poder. A qualquer momento uma idéia, sintoma pode ser contestado, uma regra substituída, uma relação familiar modificada, um espaço criado, uma nova forma estabelecida.

Que faremos nós analistas? Trocar o poder da resposta pelo poder da pergunta? Poder da escuta?

O que aprendemos com Foucault é que devemos sempre estar em busca do que não é visível nem dizível nesse momento histórico em que a família e nós analistas estamos vivendo.

Serve para buscarmos outras formas de construção, de outros enunciados, de outras formas de poder ser.

Poder pensar o setting analítico como dispositivo produtor de subjetividade, sabendo que a subjetividade é produzida em um jogo discursivo, nas relações de forças.

Talvez essa seja uma mudança revolucionária porque põe em questão permanente as ideologias e modifica a ordem instituída baseada em um conhecimento estabelecido propondo em seu lugar a ordem baseada em **um conceito do saber como busca e como produto de jogos de verdade contingentes e históricos.**

Para encerrar as palavras do filósofo italiano Antonio Negri:

“Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo; este ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe, pois tudo é a vida e não a morte. (Negri, A. Exílio. São Paulo iluminuras, 2001).

Solange Bluvol, membro associado da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro, Brasil.